

# A história da imprensa Asduerj

**Rafael Marti**

Jornalista - UERJ. Atualmente trabalha no SENGE - Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio de Janeiro.

## **Resumo**

O presente artigo pretende traçar um breve histórico da construção da imprensa da Associação de Docentes da Uerj. Como pano de fundo, traçamos também a evolução da imprensa sindical do Brasil, desde os anarquistas do início do século XX até hoje.

**Palavras-chave:** Comunicação; Jornalismo; Imprensa sindical.

## **Abstract**

*This article intends to analyze the construction of the press that belongs to Associação de Docentes da Uerj. Besides that we also analyze the evolution of trades union press in Brazil, since the anarchists in the beginning of the XX century, until know.*

**Keywords:** Media; Journalism; Trades Union Press

## INTRODUÇÃO

Nosso artigo tem como objetivo mostrar como se deu a construção do departamento de imprensa da Associação de Docentes da Uerj (Asduerj).

A Asduerj possui uma imprensa bastante significativa no contexto da comunicação sindical para professores universitários das instituições públicas brasileiras. Conta com um boletim eletrônico semanal, um jornal impresso mensal, bem como a revista acadêmica semestral Advir.

A escolha do assunto se deu por uma experiência profissional pessoal, que nos despertou o interesse pela imprensa sindical, sua história, objetivos e particularidades.

Antes de mostrarmos essa construção da imprensa Asduerj, traçaremos também um breve panorama histórico sobre a evolução da imprensa sindical no Brasil, desde o início do século XX até os dias atuais.

## BREVE HISTÓRICO DA IMPRENSA SINDICAL NO BRASIL

O início da imprensa sindical no Brasil se deu a partir do final do século XIX, quando uma grande leva de imigrantes europeus, especialmente italianos, espanhóis e portugueses, trouxe para o Brasil as idéias anarquistas.

Os trabalhadores passaram a se organizar em sindicatos e a produzir jornais. Antes da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, o conjunto de idéias que mais influenciava os operários brasileiros era o anarquismo. Mas este estava dividido em várias correntes de pensamentos. Sobre essa divisão vários autores divergem, mas adotaremos no presente artigo a divisão de Sferra (1987), que visualizou duas grandes correntes dentro do anarquismo: os anarquistas e os anarcosindicalistas. A autora organiza esses dois grupos em torno de dois grandes jornais operários da época. O jornal Terra Livre para os anarcosindicalistas e o jornal La Bataglia para os anarquistas. Muitos jornais anarquistas da época eram editados em italiano e espanhol, mostrando a influência dos imigrantes no nascente movimento operário brasileiro.

Os militantes do semanário La Bataglia se definiam como comunistas no campo econômico porque “considerando a instituição da propriedade privada como a base fundamental de todas as misérias humanas e arma patente da dominação de classe, propõem a socialização, na qual todos os meios de vida – a terra, oficinas, instrumentos de trabalho – sejam transformados em propriedade de todos os trabalhadores, efetivando-se o princípio: ‘a cada um segundo a sua capacidade e cada um segundo suas necessidades’” (SFERRA, 1987, p. 24). No campo político eram anarquistas, pois pregavam o fim do Estado e da autoridade constituída.

Já os militantes do jornal A Terra Livre se definiam como socialistas “porque atacam a instituição da propriedade e a moral” (Ibid., p. 22) e anarquistas “porque são inimigos do Estado” (Ibid., p. 23).

Entre os trabalhadores, a categoria que mais se destacou foi a de operários gráficos. Sem eles dificilmente a imprensa operária do início do século XX teria o peso que teve. Formavam uma categoria a parte devido a diversas peculiaridades. Por obrigação do ofício tinham que saber ler e escrever. Isso os colocava na frente dos demais operários, que eram, em sua maioria, analfabetos. Além disso, o operário gráfico “era relativamente bem remunerado, sendo considerado uma elite entre os trabalhadores” (FERREIRA, 1978, p. 109).

Os gráficos possuíam acesso privilegiado a várias informações que outros operários dificilmente teriam. Essa categoria “foi imprescindível elemento de comunicação na popularização das idéias políticas, que vinham no bojo da questão social, ao despontar do século XIX” (Ibid., p. 110).

Vários outros jornais operários tiveram destaque nesse período. O jornal da União dos Trabalhadores Gráficos, O Trabalhador Gráfico, o jornal A Plebe que circulou até 1951 (FERREIRA, 1988, p. 43), o jornal anticlerical A Lanterna, entre outros.

Embora seja um lugar comum é necessário afirmar que a história da imprensa operária se confunde com a própria história da classe trabalhadora. Os jornais operários são uma excelente fonte de pesquisa para identificar como vivem e pelo que lutam os trabalhadores. Essa imprensa dirigida tem várias características distintas da chamada grande imprensa. Entretanto no início do século XX essas diferenças eram bem marcantes, já que a imprensa operária tinha uma cara mais definida e um objetivo claro: promover os ideais revolucionários.

Para Batalha não há dúvidas que “a expressão mais visível da cultura operária nesse período foi a imprensa operária. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate, assumindo formas diversas: periódicos de correntes político-ideológicas (anarquistas, socialistas, comunistas, católicos etc.); jornais sindicais; publicações destinadas à classe operária em geral. Muitas dessas publicações, que normalmente eram jornais de quatro páginas com periodicidade mensal, quinzenal ou, quando muito, semanal, tiveram vida efêmera. Mas houve exceções. Como o jornal anarquista A Plebe, de São Paulo, que com interrupções foi publicado entre 1917 e 1951, chegando a sair diariamente durante um curto período em 1919” (BATALHA, 2000, p. 64).

Dois eram os principais obstáculos limitadores da tiragem, periodicidade e tempo de existência dos jornais operários. O primeiro era o financeiro, já que o público leitor desses jornais era composto basicamente por operários com baixíssimo poder aquisitivo, o que inviabilizava a sobrevivência do jornal com recursos próprios, tendo de recorrer a doações constantemente. O segundo entrave era a repressão policial em cima das organizações de trabalhadores, inclusive e principalmente sobre seus jornais. Não raro uma redação de jornal operário era empastelada pela polícia.

Esses jornais desempenhavam um papel pedagógico fundamental na educação das classes trabalhadoras. Era visto como um “valioso instrumento de orientação coletiva” (FERREIRA, 1978, p. 88). Dois elementos foram fundamentais no impulso e posterior amadurecimento da imprensa operária: intelectuais e operários imigrantes. Coube aos primeiros o desenvolvimento e difusão de novas idéias sociais, bem como a fundação dos primeiros periódicos voltados para a classe trabalhadora. Já quanto aos imigrantes coube a tarefa de consolidar a imprensa operária e repartir com os operários brasileiros sua experiência na luta de classes.

Quanto às características técnicas, Ferreira nos conta que a utilização de charges na primeira página era muito comum – estas reproduziam visualmente o editorial. Além disso, havia uma nítida preocupação em ocupar-se todo o espaço. O formato mais usado era o tablóide. O número de páginas não obedecia a nenhuma padronização – tanto poderiam existir periódicos com apenas uma folha, frente e verso, como até dezesseis páginas em períodos de greve, por exemplo. Da mesma forma a periodicidade também variava muito – diários coexistiam com jornais que circulavam esporadicamente (1988, p. 21).

Nessa época ainda não existia a figura do repórter, como profissional da notícia. As matérias eram escritas pelos próprios operários, que enviavam as sedes do jornal suas contribuições: denúncias a respeito de suas condições de trabalho, algum artigo sobre o anarquismo, etc.

Com a Revolução Russa de 1917 e a fundação do PCB, o anarquismo perdeu a influência entre os trabalhadores brasileiros para as idéias comunistas. A partir de então a imprensa anarquista cedeu lugar a imprensa sindical-partidária.

Se antes os jornais operários eram editados a partir de ligas, uniões e sindicatos, com a fundação do PCB os principais jornais da imprensa proletária passam a estar ligados ao partido. “Essa mudança é da maior importância, visto que a imprensa anarcossindicalista se auto-intitula apartidária e apolítica, enquanto essa nova imprensa é, antes de tudo, política e umbilicalmente ligada ao partido. Essa nova liderança acreditava que só a partir da organização partidária a classe trabalhadora poderia triunfar sobre a burguesia: se o partido é a direção do proletariado, o jornal é o seu instrumento privilegiado de propaganda e conscientização” (FERREIRA, 1988, p. 31-32).

Nesse período entre 1922 até o golpe de 64 o PCB tinha diversos jornais por todo o território nacional. Os jornais serviam como instrumento de mobilização e luta da classe operária. Após o golpe militar essa imprensa foi enfraquecida e praticamente desapareceu, restando um ou outro jornal clandestino. Como imprensa de oposição surgiu na época os chamados jornais alternativos. Opinião, Movimento, Em Tempo, Pasquim, Coojornal. Em fins da década de 70 os jornais sindicais começaram a tomar a forma que tem hoje. Um dos principais era o jornal dos metalúrgicos do ABC paulista, uma das categorias mais organizadas entre os trabalhadores da época.

Com a redemocratização a partir de 1985 não se tinha mais sentido se falar em jornais sindical-partidários já que eles estavam claramente separados. Hoje convivem paralelamente a imprensa sindical e jornais partidários de esquerda, que com o discurso revolucionário retomam as tradições da imprensa operária.

Como exemplo de jornais de esquerda que seguem essa linha temos o semanário Opinião Socialista, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), o mensário A Verdade, do Partido Comunista Revolucionário (PCR) e o semanário Inverta, do Partido Comunista Marxista-Leninista (PCML).

Conforme dissemos a imprensa sindical que hoje vigora começou a surgir em meados da década de 70, com o fenômeno do novo sindicalismo. De acordo com Ferreira “ela nasce a partir de meados da década de 70, quando se inicia o processo de enfrentamento do sistema pelas vias legais, fortalecendo-se nos primeiros anos da década de 80. Hoje, apresenta-se bastante desenvolvida” (1988, p. 54).

O jornalismo sindical apresenta duas grandes mudanças em comparação com os outros dois tipos de imprensa analisados. A primeira é que os jornais passam a ser feitos em gráficas dos sindicatos ou em empresas da área e não mais em tipografias clandestinas cedidas aos operários. A segunda mudança é que não mais os operários ou intelectuais ligados aos trabalhadores são os responsáveis em escrever o jornal. Surge finalmente a figura do jornalista sindical, pago para fazer a comunicação dos trabalhadores.

Quanto ao conteúdo a mudança também ocorre. Percebe-se uma gradual despolitização. Há uma primazia do “fator econômico sobre o político: o forte os jornais são sempre as reivindicações econômicas, as campanhas salariais” (Ibid., p. 59). Outras mudanças também são apontadas por Ferreira, “nota-se, do ponto de vista do conteúdo, dois aspectos interessantes: um deles é a elaboração de editoriais, de responsabilidade da diretoria, que pode nem sempre refletir a posição das bases do sindicato; o outro é a gradual substituição do termo operário por trabalhador” (Op. Cit., p. 59).

Essas mudanças fizeram com que a imprensa sindical estivesse mais próxima de uma comunicação corporativa, do que de uma comunicação classista como o foi no passado.

Nesse contexto surge a imprensa da Asduerj. Mas para entendê-la é preciso particularizar os professores universitários. A natureza do trabalho que fazem é bastante distinta. Trabalham com a informação, com estudos e pesquisas e com a formação de novos profissionais através da docência.

Em um cenário onde a minoria absoluta da população brasileira frequenta a universidade, eles são quase privilegiados. Todos têm curso superior. Muitos – principalmente nas universidades públicas – têm mestrado e não raro o doutorado. Fizeram cursos de especialização e viajam pelo Brasil e ao exterior para congressos e apresentação de trabalhos. Seu instrumento de trabalho é seu

cérebro. Um professor universitário é um formador de profissionais e formulador de pensamento crítico e projetos de nação.

A natureza de seu trabalho é radicalmente distinta do metalúrgico – que cumpre quarenta horas semanais em fábricas – e até mesmo do engenheiro civil ou mecânico, que apesar de possuir curso superior cumpre função essencialmente técnica, embora todos sejam igualmente importantes. Mesmo um professor de engenharia deve ter uma concepção mais ampla sobre o ofício da engenharia, pois está – na teoria – formando cidadãos, além de engenheiros.

Dentro desse contexto podemos passar agora a construção da imprensa Asduerj.

### A CONSTRUÇÃO DA IMPRENSA ASDUERJ

Desde sua fundação, em 1979, a Asduerj lançou mão de publicações e comunicados para atingir a sua categoria representada. Já na gestão provisória corriam boletins mimeografados, de forma bem artesanal, para divulgar suas opiniões e idéias aos docentes da universidade. O primeiro comunicado recebeu o título Fusão Confusão, redigido pelo professor Ricardo Santos para explicar os boatos de fusão das duas entidades representativas dos professores recém fundadas, a saber, a Asduerj e a Apuerj.

Um dos nomes que mais contribuiu para a redação dos textos daqueles comunicados foi o professor do Instituto de Letras Nelson Rodrigues Filho, heterônimo do filho de Nelson Rodrigues. Na gestão de Ronaldo Lauria, ele, Nelson e o professor Antonio Ferrão estavam à frente dos boletins. Eles se reuniam a noite, na pequena sala do nono andar conseguida por Ferrão e rodavam, em seu antigo mimeógrafo a álcool, as primeiras comunicações da entidade. O próprio Antonio Ferrão definiu o boletim desse tempo como “coisa de carbonário, jornalzinho pregado na parede”.

O fato é que a falta de estrutura contribuía e muito para a comunicação insipiente que se implantava. Não havia dinheiro para a compra de papel e a matriz do mimeógrafo, por exemplo. A Asduerj não tinha sede própria. Havia ainda o medo da repressão.

Na gestão do professor Ricardo Santos, em 1983, a Asduerj começou a se estruturar. Conseguiu sede própria. Alguns professores acharam que era hora da entidade fazer um jornal. A partir da vontade de alguns membros da diretoria, como o próprio presidente e de Regina Weissmann, da Faculdade de Educação, e do trabalho de outros professores como Alberto Cipinik e João Pedro Dias Vieira amadureceu-se a idéia de se lançar o jornal Quasímodo. Mas porque desse nome? O nome é em homenagem ao corcunda de Notredame, um sujeito feio, mas de bom coração. Segundo João Pedro Dias Vieira, foi o professor Alberto Cipinik, do Instituto de Artes, quem sugeriu o nome Quasímodo.

Já o professor Ricardo Santos conta que a idéia partiu de Antonio Quadra, que ao ser perguntado o porquê do nome, teria afirmado que era mais ou menos como as pessoas viam o professor Ricardo, feio, mas de bom coração.

O fato é que Regina Weissmann, Alberto Cipinuk e João Pedro levaram a frente o processo de formação do jornal. Era um tablôide de oito a doze páginas, impresso na gráfica do Jornal do Comércio. Existia uma tirinha em quadrinhos feita especialmente pelo professor Cipinuk, com o personagem Alpamerindo. O jornal durou toda a gestão de Ricardo Santos, e é possível, segundo afirma João Pedro, que um ou dois exemplares tenham sido lançados na gestão do professor José Eustáchio Bruno, em 85.

Na verdade João Pedro acredita que o jornal se sustentava muito mais na vontade da professora Regina, do que numa efetiva política de comunicação da entidade. Tanto que quando Regina se afastou ao término da gestão de Ricardo Santos, o jornal não teve continuidade. Na gestão que teve a frente o professor José Bruno, a imprensa não teve destaque, não obstante os inúmeros ganhos da categoria nas questões salariais.

Foi nas gestões do professor Roberto Abreu que se começou a criar uma cultura de comunicação sindical na entidade. Em sua primeira gestão, entre 87 e 89, foi implementado um sistema de ofícios circulares. Eram comunicados oficiais da Asduerj dirigidos a diretores de centros setoriais e unidades acadêmicas, chefes de departamento, reitoria e vice-reitoria, sub-reitores, representantes do conselho universitário, do Diretório Central de Estudantes e dos sindicatos de trabalhadores da Uerj, a Asuerj e a Ashupe (atuais Sintuperj). Era um comunicado enviado diretamente as lideranças da universidade que continha desde posicionamentos da direção da Asduerj em questões relativas à universidade até denúncias de crimes cometidos contra sindicalistas pelo Brasil todo. Segundo Roberto Abreu os boletins eram diários, às vezes eram rodados mais de um por dia, e redigidos por ele próprio. A vantagem, segundo Abreu, é que os ofícios eram extremamente ágeis e podiam falar sobre um único assunto, o que não ocorre em um boletim. Em 88 a direção moveu esforços para fazer um boletim. Ainda se usava mimeógrafo na época.

No final de 91, com a gestão do professor Gustavo Bayer (FAF), foram contratados dois estagiários para a comunicação da entidade. Sérgio Franklin de Assis e Leila Jurema Braile. Sérgio, estudante de jornalismo na própria Uerj foi indicação do professor João Pedro. Já Leila, aluna do curso de letras (português-francês) participou de toda a campanha à reitoria do professor José Bruno (FCM). Ajudava a revisar panfletos e na diagramação deles. Foi convidada pelo professor Zimbres (IGEO), diretor na época.

Os dois estagiários começaram então a criar do nada a estrutura atual de comunicação da entidade. Passaram a fazer um boletim ainda de periodicidade indefinida que foi evoluindo até se tornar mensal. No início era feito

em folha A4, fotocopiada – o mimeógrafo já havia sido suplantado. Depois foi feito em gráfica, em cores e no formato tablóide.

Mas o grande desafio que foi colocado a eles e também a alguns diretores como Eurico Zimbres, foi a confecção de uma revista de cunho acadêmico, que falasse sobre a universidade em seus diversos aspectos: político, administrativo, cultural e científico. Foi uma grande surpresa na época, que o sindicato, lugar “dos políticos” em detrimento “dos acadêmicos”, pudesse levar adiante esse processo. A primeira Advir, nome dado a publicação semestral, foi uma das pioneiras no Brasil. Poucas associações docentes tinham sua revista acadêmica. Foi lançada em agosto de 92 com o seguinte tema: o regime de trabalho docente.

Hoje a Advir está em sua décima oitava edição, após doze anos de existência. Nem sempre foi possível fazê-la semestral, por diversos motivos, nunca incompetência da equipe de profissionais. Dificuldade em coletar o material, falta de estrutura para manter um boletim e uma revista e greves que mobilizavam os docentes e sua imprensa. O que nos fica claro é que apesar dos percalços, a Advir conseguiu se incorporar na vida do sindicato e no imaginário da comunidade acadêmica. Por isso ela persistiu até hoje. E novos números estão sendo programados e produzidos.

265

Eurico Zimbres nos conta que o segredo para essa continuidade foi a montagem de um conselho editorial independente das diretorias. Por sua experiência na imprensa sindical ele percebia que o grau de continuidade desse tipo de publicação era pequeno, não resistindo a mais de uma gestão. Por isso foi fundamental que se convidassem professores da universidade que tivessem compromisso com a revista. Isso facilitou a continuidade da mesma.

Em 1994 os estagiários Leila e Sérgio foram efetivados como funcionários da Asduerj. Sérgio permanece até hoje e Leila saiu em março de 2005. O boletim, conforme já foi dito, ganhou cores, formato tablóide e peridiocidade mensal. No final de 91 além da contratação de estagiários, o professor Antonio Braga Coscarelli (IME), que não era da diretoria, passou a ficar a frente dos boletins, escrevendo artigos e análises. Ele acreditava que a comunicação da entidade com seus filiados era fraca e que deveria ser retomada. Ganhou o apoio das diversas diretorias que se seguiram e permaneceu a frente do boletim até o final de 2001, retornando no início de 2004.

Na gestão do professor Jorge Máximo (2001-2003) a imprensa Asduerj viveu um período de exceção. Nunca em toda a história da entidade o boletim teve a peridiocidade semanal desse período. Foi lançado também o boletim eletrônico. A página da internet, que já existia, era atualizada semanalmente. Isso se deve ao esforço pessoal de uma pessoa, a professora Cleier Marconsin (FSS), segundo o professor Zimbres, e a própria percepção dos membros da equipe de imprensa do período.

Em 2002, para se estruturar o boletim semanal foram contratado dois estagiários para a imprensa. Cristiana Giustino e Rafael Martí, alunos da

Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Posteriormente a estudante Tadzia Maya substituiu Cristiana Giustino. Em maio de 2002 teve início o boletim semanal. Em 2002 foi desenvolvido também o boletim eletrônico da Asduerj. Diagramado em um editor de textos era muito simples e continha o resumo do boletim impresso e as atualizações na página. Vez por outra saía um boletim emergencial, com alguma notícia importante, sobre greves e movimentos salariais principalmente.

Com o fim dessa gestão em 2003, a professora Cláudia Gonçalves e os demais diretores acharam por bem investir mais no boletim eletrônico e fazer um boletim impresso mensal como era antes. O professor Coscarelli novamente ficou encarregado da imprensa. O boletim eletrônico atual tem uma diagramação bastante dinâmica e bonita, não deixando nada a desejar a qualquer newsletter. Mas ainda não possui uma periodicidade bem definida. Por vezes saem mais de um em uma semana, por vezes passam duas semanas sem nenhum boletim enviado. Quanto ao impresso, alguns números já saíram, embora sem o compromisso da periodicidade mensal. Hoje a equipe se constitui por Sérgio Assis, Leila Braile e a estagiária Elisa Monteiro.

## 266

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa sindical é fundamental por dois motivos. Primeiro é uma fonte privilegiada de estudos sobre a classe trabalhadora. Segundo, é um instrumento ímpar de luta e mobilização dos trabalhadores em defesa de seus interesses.

Estudar a imprensa sindical propicia o entendimento de como o movimento dos trabalhadores é complexo e repleto de detalhes que passam despercebidos da chamada grande imprensa.

Se antes a imprensa operária tinha um compromisso claro com a revolução, hoje a imprensa sindical é a porta voz do sindicato que a produz e, ao menos, tenta promover amplo debate com a categoria específica, mas também com o coletivo de todos os trabalhadores.

Recuperar a história da imprensa Asduerj também é fundamental do ponto de vista da luta dos professores universitários por melhores condições de trabalho e ainda para recuperar um pouco da história da própria Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BATALHA, Cláudio. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SFERRA, Giuseppina. Anarquismo e anarcossindicalismo. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FERREIRA, Maria Nazareth. Imprensa operária no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. A imprensa operária no Brasil 1880-1920. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.